UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

LISLE PEIXOTO RODRIGUES

SOBRE AS OCUPAÇÕES DE PESSOAS QUE PERDERAM UM ENTE QUERIDO:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

BELÉM-PA
2018

LISLE PEIXOTO RODRIGUES

SOBRE AS OCUPAÇÕES DE PESSOAS QUE PERDERAM UM ENTE QUERIDO:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional, Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Victor Augusto Cavaleiro Corrêa.

BELÉM-PA

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

LISLE PEIXOTO RODRIGUES

SOBRE AS OCUPAÇÕES DE PESSOAS QUE PERDERAM UM ENTE QUERIDO:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional, Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Pará.

Orientado pelo Prof. Dr. Victor Augusto Cavaleiro Corrêa.

APROVADO EM: ___/____/____.

Banca Examinadora

Professor: _____Dr. Victor Augusto Cavaleiro Corrêa_____
Instituição: UFPA

Professora: _____Dra. Airle Miranda de Souza_____
Instituição: UFPA

Professora: _____Especialista Patrícia Silva do Rosário_____
Instituição: UFPA

Professora: _____Msc. Luísa Sousa Monteiro Oliveira (Suplente)_____
Instituição: UFPA

Conceito: _____

Aos meus pais, por todo incentivo e dedicação à minha formação, eles que me guiaram até onde cheguei e mesmo com a distância física fazem parte de toda minha trajetória, buscaram me instruir para que eu pudesse alcançar meus objetivos que também compartilham destes.

AGRADECIMENTOS

Durante 5 anos de construção acadêmica, estiveram comigo as pessoas fundamentais na minha vida, estas que me incentivaram e contribuíram para minha formação e sobrevivência no meio acadêmico, pois não é sozinho que se constrói um caminho tão belo e que me enche de orgulho, e que me permitiu adquirir conhecimentos profissionais e humanos.

O meu mais sincero obrigado a minha família: Jorge Rodrigues, Jocelma Peixoto, Lucas Rodrigues e Lauro Rodrigues, que são a minha base nessa vida, e que caminham ao meu lado compartilhando todas as minhas vivências, que estiveram presentes em todos os momentos, fisicamente ou virtualmente, para que eu pudesse me sentir sempre amparada, vocês me fizeram percorrer todo esse caminho cercada de amor, fazendo com que fosse muito mais fácil e leve. Agradeço também aos meus avós que foram fundamentais para que meus pais fossem esses seres humanos admiráveis e que através deles adquiriram tantas virtudes, e são pessoas em quais eu me espelho para crescer e aprender, sendo meus exemplos de luta, caráter e crescimento.

Aos meus amigos de turma que dividiram esses 5 anos de construção de conhecimentos, de aflições, de dúvidas e certezas, que estiveram junto a mim nessa árdua e prazerosa caminhada, sempre unidos buscando o melhor para nossa formação e que acrescentaram seus conhecimentos aos meus e contribuíram para a conquista da graduação.

Aos meus professores que com muita sensibilidade se esforçaram para nos repassar seus conhecimentos e agregar em nossa formação, que se doaram durante nossa graduação para que pudéssemos ser profissionais competentes, ampliando nossa visão para todos os campos da vida humana, nos fazendo refletir sobre nós mesmos, nossa formação, e nossa atuação em meio a sociedade, meu muito obrigada por todo esforço dedicado a nós graduandos.

Ao meu orientador Professor Doutor Victor Cavaleiro, que teve a sensibilidade de me guiar para esse estudo e que conseguiu me mostrar uma nova forma de enxergar o processo de vida, morte e luto, me permitindo compreender muito de mim e dos meus processos naturais, e me sensibilizando para este tema vivenciado por todos em algum momento da vida, e que ainda não tão discutido, porém necessário, que eu possa ser mais uma graduanda/profissional a contribuir com o cuidado do sofrimento pelo luto.

Meu agradecimento especial para minha avó Sebastiana Rodrigues que com sua partida desta vida me inspirou a construir este estudo, sua passagem desta vida me permitiu conhecer o luto de forma intensa e particular, lapidando minha visão sobre as individualidades

nesse processo, através da minha vivência e pesquisa pude compreender e analisar o processo de enlutamento, minha gratidão por ter me ensinado tanto em vida e seu processo de morte.

Lisle Peixoto Rodrigues

Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar
Oh, pedaço de mim
Oh, metade exilada de mim
Leva os teus sinais
Que a saudade dói como um barco
Que aos poucos descreve um arco
E evita atracar no cais
Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu
Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi
Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus

(Chico Buarque)

RESUMO

Introdução: A morte é algo inerente à existência humana, porém temido por muitos, dessa forma, torna-se um assunto pouco discutido e, em alguns casos, entendida com certo estranhamento ou um fenômeno não se natural. O luto pode ser ocasionado por diversos motivos, mas todos pela perda de algo ou alguém por quem se tem uma relação afetuosa e de vínculo, quando há a perda e o afastamento físico, a pessoa se encontra na condição de enlutado, e este configura-se um processo lento e doloroso. O luto pode interferir no cotidiano das pessoas e no desempenho de suas ocupações, por apresentar sintomas psicoemocionais e físicos, comprometendo o bem-estar das pessoas. **Método:** Optou-se por realizar uma Revisão Sistemática, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis na literatura **Resultados:** foi possível analisar os acometimentos do processo de luto em duas categorias 1. Sobre a forma ocupacional e 2. Sobre o sentido e significados e explorar de que forma pode-se compreender as interferências nestes campos. **Considerações Finais:** Concluiu-se que este estudo discute sobre a forma como o luto pode afetar as ocupações, exemplifica e favorece uma melhor compreensão de que este processo interfere nas atividades cotidianas dos indivíduos de forma singular, contribui com a ampliação da produção de conhecimento, pesquisas e expressões sobre o tema abordado.

Palavras Chaves: Perda, Luto, Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Introduction: Death is something inherent in human existence, but feared by many, in a certain way, becomes a less discussed subject and, in some cases, understood with some strangeness or a non-natural phenomenon. Mourning can be occasioned by a lot of reasons, but all of them by the loss of something or someone for whom one has an affectionate relationship and bond, when there is loss and physical withdrawal, the one finds itself in a condition of mourning, passing through a slow and painful process. Mourning can interfere in the daily lives of people and the performance of their occupations, as they present psycho-emotional and physical symptoms, compromising the well-being of persons. **Metho**d: It was decided to carry out a Systematic Review, which aims to identify, select, evaluate and synthesize relevant evidence available in the literature **Results:** it was possible to analyze the grievances of the bereavement process in two categories 1. On the occupational form and 2. On the meaning and meanings and to explore how one can understand the interferences in these fields. **Final Considerations:** It was concluded that this study discusses how bereavement can affect occupations, exemplifies and favors a better understanding that this process interferes in individuals' daily activities in a singular way, contributes to the expansion of knowledge production, research and expressions on the topic addressed.

Keywords: Loss, Mourning, Occupational Therapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
2. REFERENCIAL TEÓRICO 15
2.1 SOBRE AS PERDAS E O PROCESSO DE LUTO 15
2.2 SOBRE A OCUPAÇÃO HUMANA8 18
3. METODOLOGIA 21
2.1 TIPO DE PESQUISA 21
2.2 LOCAL 21
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA 21
3.3.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO 21
2.2.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO 21
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS 21
4. RELATO DE CASO 23
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO 26
5.1 SOBRE A FORMA OCUPACIONAL: QUANDO DA PERDA DE UM ENTE QUERIDO 26
5.2 SOBRE O SENTIDO E O SIGNIFICADO OCUPACIONAL: QUANDO DA PERDA DE UM ENTE QUERIDO 39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 34
REFERÊNCIAS 35

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de discutir as repercussões do enlutamento nas ocupações humanas de pessoas que perderam um ente querido. A palavra morte origina-se diretamente do latim “mors”, e possui o significado no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009) define o vocábulo “morte” como “a cessação definitiva da vida’, “destruição”, “imobilidade”, “ruína”, “extinção”, e ainda, como “a perda de todos os direitos de cidadania”.

A morte é definida como a interrupção completa e definitiva de todas as funções vitais do organismo, com o desaparecimento da coerência funcional e a destruição definitiva dos tecidos celulares e unidades tissulares (TORRES, 2002). Segundo Ariés (2012), no ocidente, um dos significados mais centrais da morte encontra-se relacionado ao seu caráter interdito, que alimenta a sua representação enquanto impedimento à realização da vida. Por mais que a morte seja um dos pontos da vida humana e uma das certezas do processo da humanidade, que ninguém possa negar, falar dela ou pensar nela, na sociedade atual, se torna extremamente complexo e delicado, passando a ser ignorada pela maioria da população. Principalmente, pelos avanços da medicina, que contribuem para um maior amparo e perpetuação da vida, alimentando o pensamento inconsciente da imortalidade das pessoas.

A morte pode gerar medo do desconhecido, pode acarretar dores físicas, emocionais e psicológicas, um fenômeno que pode desencadear sensação de fragilidade, não só para quem está morrendo, mas também para os familiares, amigos, etc. É um momento difícil de ser enfrentado, associado ao rompimento de um vínculo afetivo, em que o nível de aceitação, o tipo de morte e ocasião da morte, são determinantes essenciais na vivência e na elaboração dessa perda (CREPALDI; LISBOA, 2003).

Por se tratar de um processo inevitável de todo ser humano, a ideia de morte é quase sempre associada a uma sentença que ameaça o *self*[1]. Morrer é lidar com a impotência e com a falta de controle. Nessa direção, o processo de morrer evoca medo e emoções negativas por se tratar de uma entidade desconhecida, configurando-se como parte do destino humano, desafiando a imagem narcísica, as condutas e as crenças inconscientes de imortalidade (DOLL; PY, 2007).

Na Teoria do Apego, Bowlby (1985) elucida a tendência dos seres humanos em estabelecer laços afetivos e ao mesmo tempo explica a forte reação emocional quando estes laços são rompidos. No luto, essa tendência torna-se uma experiência, uma vez que a pessoa

[1] Self: palavra na língua inglesa que significa eu, própria pessoa.

sofre um significativo abalo emocional ao perder alguém próximo. A vivência e a intensidade do luto são variáveis, conforme o apego estabelecido pela pessoa que está em processo de enlutamento.

Para Parkes (2009), o Apego Seguro e Inseguro está diretamente relacionado à reação ao luto, ou seja, pais que respondem às necessidades de segurança de seus filhos contribuem positivamente para reação a uma perda por morte inesperada. Por outro lado, progenitores ansiosos e inseguros proporcionam sofrimentos decorrentes da perda, desencadeando consequências futuras. A perda de um familiar ou alguém significativo pode ser a causa de um estresse, pode aumentar o risco de doenças físicas e mentais. Pode aumentar a vulnerabilidade dos enlutados é a história prévia de doença física ou mental e a forma como foi estabelecido o luto. Caso for inesperado, a pessoa passa a ser mais vulnerável às doenças, assim como, aquele que mantinha uma relação de dependência com o ente perdido.

A palavra luto é utilizada para indicar uma variedade de processos psicológicos provocados pela perda de uma pessoa amada, quaisquer que sejam os seus resultados. Para a pessoa enlutada, apenas o retorno da pessoa perdida pode favorecer o verdadeiro conforto (BOLWBY, 1985/2004).

Bowlby (1998) adota o termo luto em um sentido amplo, para referir-se a uma variedade de processos psicológicos conscientes e inconscientes, provocados pela perda de uma pessoa amada, independente de seguir um curso normal ou resultar condição patológica.

Nesse sentido, compreende-se o luto enquanto um processo de elaboração frente a uma perda, especificamente, por morte de uma pessoa de vinculação importante. Constitui-se em uma vivência inevitável que se apresenta às pessoas em algum momento de suas vidas, uma vez que a morte compõe a vida, constituindo um processo contínuo de renovação. Entende-se que, em algum lugar, há alguém vivendo a dor e o sentimento de perder um ente querido, pois o luto por morte, assim como o morrer, é algo inerente à vida humana (CORRÊA et al., 2008).

Para Parkes (2009), o luto pode ser definido como um conjunto de reações diante de uma perda. É um processo e não um estado, sendo uma vivência que deve ser devidamente valorizada e acompanhada, fazendo parte da saúde emocional. Envolve uma sucessão de quadros clínicos que não desaparecem rapidamente. Não é um processo linear e está, diretamente, ligado as características individuais e a intensidade da relação que manteve com o falecido.

Quando alguém morre, uma série de concepções sobre o mundo, que se apoiavam na existência da outra pessoa para garantir sua validade, de repente passam a ficar sem essa validade. Hábitos de pensamento construídos ao longo de muitos anos precisam ser revistos e

modificados; a visão de mundo da pessoa precisa mudar (...). A perda da pessoa amada inevitavelmente cria uma série de discrepâncias entre nosso mundo interno e o mundo que agora passa a existir. Isto é verdadeiro não apenas superficialmente (Quem vai estar lá quando eu chegar em casa noite?), mas também de forma mais aprofundada, acerca das concepções básicas (Se não sou mais uma pessoa casada, o que sou, então?) (PARKES, 1998).

Franco (2002) pontua que são duas experiências fundamentalmente diferentes e que é importante entender a diferença.

> Pesar: é um complexo de pensamentos e sentimentos sobre a perda, que são vivenciados internamente. Em outras palavras, é o significado interno dado experiência do luto. Luto: é o pesar tornado público, quando você se apodera desses sentimentos e pensamentos e os expressa e compartilha com os que o cercam. Chorar, falar sobre a pessoa que morreu ou celebrar datas especiais são apenas alguns exemplos. Mesmo que esta expressão se dê sem a presença de outras pessoas, também pode ser entendida como uma forma saudável de luto. Envolve o olhar da cultura, que lhe dê continência e validade (p.56).

Dentre vários aspectos, deve-se levar em consideração que o processo morrer e a experiência do luto são experiências pessoais, não existindo um padrão e uma sequência considerada normal de recuperação. De acordo com Kovács (1992), o processo de luto só estará finalizado, quando existir "a presença da pessoa perdida internamente em paz", havendo "um espaço disponível para outras relações", sendo, portanto, necessário um tempo para vivenciar o luto, e não para negá-lo.

Nesse sentido, muitos enlutados não conseguem restituir a perda. Não receberam apoio suficiente capaz de amenizar o sofrimento, ou não se encontraram encorajados a solicitar algum tipo de auxílio (CREPALDI; LISBOA, 2003). De acordo com Walsh (2005), a morte na família implica em múltiplas perdas, incluindo papéis, relacionamentos e perda da esperança. O mesmo autor ainda relata que quando uma família experimenta uma perda, os membros são atingidos de diversas maneiras e exibirão uma série de reações, dependendo de variáveis como idade e estilos individuais de enfrentamento, situações de seus relacionamentos e suas diferentes posições na família. Ainda afirma que emoções fortes podem vir à tona em variados momentos, incluindo raiva, desapontamento, desamparo, entre outros.

Para Kovàcs (2002), a perda é algo inerente à condição humana. Através dela os indivíduos precisam enfrentar seus limites, o que simboliza sua própria morte. As perdas podem ser concretas ou simbólicas, resultando em privações e mudanças, trazem a sensação de estar sem controle e abalam o sentimento de segurança,

Bromberg (2000) afirma que, nesse período, os enlutados convivem com o sentimento de desinteresse, afastamento e desânimo pelas atividades ocupacionais do mundo

externo. Manifestam sentimentos de tristeza, isolamento, presença de humor depressivo, entre outras. Há também, pessoas que apresentam uma hiperatividade na execução de suas ocupações, envolvendo-se ainda mais em suas atividades. O processo de luto, portanto, pode alterar o bem-estar de saúde da pessoa.

Dessa forma compreende-se que no período do luto pode-se ser observado a falta de interesse pelo mundo exterior e pelas atividades ocupacionais, por implicações da saúde mental dos indivíduos. Considerando que somos seres ocupacionais e é através do seu fazer que o homem mantém suas relações com o ambiente e com a sociedade, o processo do luto interfere diretamente no indivíduo, em suas ocupações e suas relações sociais.

Segundo a American Occupational Therapy Association- AOTA (2015), a ocupação diz respeito às atividades da vida diária nas quais as pessoas se envolvem. Entende-se que as ocupações são algo do dia-a-dia, do cotidiano e possuem caráter pessoal e singular, pois estão relacionadas às especificidades de cada pessoa.

Law, Steinwender e Leclair (1998) partilham da ideia de que a ocupação é tudo o que as pessoas fazem para se ocupar, incluindo autocuidado, lazer e produtividade, ou seja, ocupações que visam satisfazer as exigências e necessidades dos sujeitos.

Com outra forma de denominar ocupação, Townsend (1997) a descreve como: O processo ativo de viver: desde o início até o final da vida, nossas ocupações são todos os processos ativos de cuidar de nós mesmos e dos outros, e apreciar a vida e ser produtivo do ponto de vista social e econômico durante toda a vida em diferentes contextos (p.19).

As ocupações são atividades complexas, constituem algo singular, com atributos simbólicos, envolvendo carga emocional; possuem um valor pessoal, estão intimamente ligadas a dinâmica psíquica de cada pessoa e, como consequência, tem-se a importância desta relação para a manutenção da qualidade do viver (EARLY,2004).

As atividades cotidianas atuam como forma de definir a condição humana, de apresentar um compromisso real com a existência, de promover trocas sociais e de romper com o isolamento e a invalidação das pessoas, simultaneamente, ao realizar uma atividade, a pessoa adentra ao campo linguístico e cultural, abrindo com isso um “caminho de humanização” (CARLO; BARTALOTTI, 2001).

Acredita-se também que toda ocupação possui uma forma, um sentido e um significado, de modo que torne as atividades únicas e significativas e subjetivas. Larson, Wood e Clark (2005) afirmam que o envolvimento em ocupações significativas se relaciona com a composição da experiência do viver e pode apoiar a saúde, a satisfação com a vida e o bem-estar.

Almeida, Souza e Corrêa (2017) afirmam que as ocupações relacionam-se não somente com a sobrevivência, mas também com a construção de papéis e identidades, bem como o estabelecimento da convivência social. A dimensão ocupacional representa um aspecto central do viver humano; assim, as pessoas apresentam a necessidade de se envolverem em ocupações que podem vir a ser plenas de valor e significado pessoal.

As ocupações modificam-se ao longo dos anos e de acordo com fatores da pessoa, da ocupação em si e dos contextos (CLARK; WOOD; LARSON, 2002; DICKIE, 2011). Vale ressaltar que outros fatores também influenciam a ocupação, como por exemplo, o espaço físico, cultural ou social, as crenças, o simbolismo, a capacidade e habilidade.

Segundo Hagedorn (2007), as pessoas necessitam fazer algo para se sentirem capazes de estarem bem ajustadas, saudáveis e para satisfazerem as necessidades da vida, pois as ocupações estruturam a vida humana, organizam a maneira como este usa o tempo e dá sequência às tarefas. Nesse sentido, destaca-se que os seres humanos desenvolvem diversas atividades todos os dias: trabalham, estudam, praticam atividades de lazer, cuidam das atividades relacionadas ao lar, da higiene, alimentam-se, entre outras.

Para Francisco (2001), os humanos são conhecidos como possuidores de uma natureza ocupacional, em que a doença é compreendida enquanto uma força potencial para interromper ou romper a ocupação, que é entendida como organizadora natural do comportamento humano que pode ser usada terapeuticamente para reorganizar o comportamento cotidiano deste homem. O mesmo autor concluiu então, que todas as pessoas têm uma necessidade básica de ocupação, tendo sempre um estímulo para sempre fazer coisas e se envolver em práticas produtivas e/ou de diversão.

Diante disso pode-se entender que o processo do luto compromete o engajamento nas ocupações, considerando que os indivíduos passam por um processo de sofrimento pelo desligamento com uma pessoa significativa, expressando diariamente aspectos de seus mundos internos que foram modificados bruscamente e ainda não foi possível restabelecer uma reorganização, interferindo consideravelmente no cotidiano dos indivíduos. Nesse sentido, este estudo visou fazer uma revisão da literatura sobre as ocupações de pessoas que perderam um ente querido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SOBRE AS PERDAS E O PROCESSO DE LUTO

De acordo com Boelen et al., (2003), apesar da perda de uma pessoa amada ser geralmente considerada como um dos acontecimentos de vida mais estressantes que a pessoa pode experimentar, a maioria dos indivíduos recuperam da perda sem ajuda profissional. Porém, algumas pessoas não recuperam e experimentam alterações constantes na saúde mental. Os problemas comumente observados incluem depressão, sintomas da perturbação de pós-stress traumático e outras perturbações ansiosas, raiva e sentimento de culpa.

É no século XX que os avanços tecnológicos e os estudos da medicina aumentam a capacidade humana para adiar a morte, e por isso o sofrimento torna-se vergonhoso. Ariès (1990) enfatiza que a sociedade impossibilita a expressão da dor por morte, então ela passa a ser reprimida, escondida, solitária. Assim, contribui para o aumento do desconforto das repercussões da perda, pois, perante a sociedade, a morte, o feio e o diferente não têm mais espaço (RABELO, 2006).

É cada vez mais perceptível o quanto o mundo ocidental evita a angústia e busca a neutralização do desconforto e da dor psíquica (ELIAS, 2001; ARIÈS, 2003). Os contextos de hiper-medicalização e de discrição emocional presentes em nossa cultura contemporânea são dois fatores relevantes na compreensão da vivência do luto (Kouri, 2005, 2010). A negação do luto ocorre por meio de práticas sociais tais como, por exemplo, a imposição da volta ao trabalho após sete dias, como se houvesse um período pré-determinado para a passagem por esse processo. Em nossa sociedade são inúmeros os exemplos de práticas que apontam para o esvaziamento de reflexões sobre o findar-se, sobre a aceitação do fim do outro e de si mesmo

Nessa ótica, releva destacar que todos os tipos de perdas acabam afetando as pessoas que raramente saem ilesas desse pesar. O grau de parentesco, o gênero, o tipo de morte, os vínculos e os recursos internos disponíveis são itens que possibilitam ou não a elaboração do luto normal. Parkes (1998) aponta que o luto normal é uma resposta saudável a um fator estressante que é a perda significativa de um ente querido. Quando se refere a uma resposta saudável, implica na capacidade de expressar a dor. Seja reconhecendo, reajustando e investindo em novos vínculos.

Elizabeth Kübler- ross (2005) descreve os estágios vivenciados no processamento considerado normal do luto: no primeiro estágio, a negação e o isolamento servem como um mecanismo de defesa temporário, um para-choque que alivia o impacto da notícia, uma recusa

a confrontar-se com a situação. Ocorre em quem é informado abruptamente a respeito da morte; embora considerado o primeiro estágio, pode aparecer em outros momentos. A raiva, segundo estágio, é o momento em que as pessoas externalizam a revolta que estão sentindo. Neste caso, tornam-se por vezes agressivos. Há também a procura de culpados e questionamentos, tal como: "Por que ele?", com o intuito de aliviar o imenso sofrimento e revolta pela perda. Já a barganha, percebida no terceiro estágio de reação à perda, é uma tentativa, de negociar ou adiar os temores diante da situação; as pessoas buscam firmar acordos com figuras que segundo suas crenças teriam poder de intervenção sobre a situação de perda. Geralmente esses acordos e promessas são direcionados a Deus e mesmo aos profissionais de saúde que a acompanham. A depressão, quarto estágio, é dividida em preparatória e reativa. A depressão reativa ocorre quando surgem outras perdas devido à perda por morte, por exemplo, a perda de um emprego e, consequentemente, um prejuízo financeiro, como também a perda de papéis do âmbito familiar. Já a depressão preparatória é o momento em que a aceitação está mais próxima, é quando as pessoas ficam quietas, repensando e processando o que a vida fez com elas e o que elas fizeram da vida delas. Por fim, o último estágio de reação à perda é o de aceitação. Quando se chega a esse estágio, as pessoas encontram-se mais serenas frente ao fato de morrer. É o momento em que conseguem expressar de forma mais clara sentimentos, emoções, frustrações e dificuldades que as circundam. Quanto mais negarem, mais dificilmente chegarão a este último estágio. Cabe ressaltar que, esses estágios não são um roteiro a ser seguido e que podem sofrer alterações de acordo com cada perspectiva pessoal.

Entretanto, quando esses recursos são escassos, pode levar ao processo de luto complicado. O luto complicado é manifestado por sintomas físicos e mentais que fortemente propiciam a negação e a repressão da dor pela perda. Encontram-se incapazes, pressionados pela sociedade a se controlar, não manifestar suas tristezas, e, por consequência, se sentem solitários, frágeis e depressivos (PARKES, 1998).

O luto pode promover inúmeras implicações para saúde global da pessoa enlutada, dentre elas, estão a dificuldade em manter a vida laborativa, a execução das atividades da vida diária, o autocuidado, a participação nas atividades de lazer, etc. Tal condição pode envolver muita tristeza e decorrer em grande sofrimento por quem a vivencia.

Bromberg (2000) afirma que, nesse período, os enlutados convivem com o sentimento de desinteresse, afastamento e desânimo pelas atividades ocupacionais do mundo externo. Manifestam sentimentos de tristeza, isolamento, presença de humor depressivo, entre outras. Há também, pessoas que apresentam uma hiperatividade na execução de suas

ocupações, envolvendo-se ainda mais em suas atividades. O processo de luto, portanto, pode alterar o bem-estar de saúde da pessoa.

Campos (2013) relata que o trabalho de luto, contudo, nem sempre é satisfatoriamente elaborado. Além do luto patológico, em que esse trabalho se cronifica e cristaliza, temos, também, um paralelo com a patologia melancólica. No caso da melancolia, o que há é uma identificação com o objeto perdido de amor. Esse é o conceito de identificação melancólica: o objeto perdido é internalizado e identificado com o ego, de tal forma que o amor antes investido no objeto retorna ao ego invertido em seu oposto, ou seja, o ódio pelo abandono do objeto recai sobre o próprio ego do sujeito

Patologias desencadeadas por processos de luto mal elaborados podem se apresentar das mais variadas formas, tais como a estagnação do desenvolvimento ou até mesmo o aparecimento de quadros depressivos, melancólicos e de psicopatias (OLIVEIRA, 2001)

Segundo Horowitz (2003), o luto complicado pode incluir sintomas como imagens e pensamentos intrusivos, ativação emocional excessiva, insónia, sentimento crónico de vazio, negação das implicações da perda para o próprio, evitamento de tarefas que lembrem o falecido e inexistência de atividades adaptativas no trabalho e em casa.

A validade dos sintomas de luto complicado surge reforçada por estudos que demonstram a associação que estes apresentam com problemas de saúde como depressão, ansiedade, abuso de álcool e medicamentos, risco de doenças e suicídio (PRIGERSON, 2004).

Desta forma, é importante reforçar a ideia de que se o luto complicado é preditivo de limitações na qualidade de vida e saúde mental, torna-se fulcral o conhecimento dos critérios que o definem para a identificação de pessoas enlutadas em condição de risco. A avaliação da severidade das manifestações de luto permite, assim, evitar que se rotule como patológica uma reação normal e, por outro lado, favorece o reconhecimento do sofrimento e da necessidade de garantir suporte para um melhor ajustamento à situação de perda (DELALIBERA, 2010).

Compreendendo que, a todo momento, diversas pessoas na sociedade estão vivenciando uma situação de luto, e que o mesmo acomete a saúde global dos sujeitos, necessitando de tempo e suporte intrínsecos e extrínsecos para passar por esse processo doloroso, é necessário que se reflita sobre as implicações da morte de uma pessoa sobre a vida das que ficaram, e a expressão do luto como meio de descarga emocional e possibilidade de análise para busca de suporte. Além de ser um tema pouco explorado, é complexo e exige sensibilidade por estar trabalhando com processos de perdas cercadas de subjetividades, que muitas vezes não conseguem ser coletadas pela dificuldade de expressão de aspectos emocionais.

Dessa forma, as pesquisas e discussões sobre o tema, ainda são poucas, tornando este estudo um dos pontos importantes para ampliar a rede de estudos sobre o tema, além de apresentar dados vividos pelo próprio pesquisador, que torna o estudo mais rico de detalhes pela compreensão mais aprofundada do processo que estava sendo vivenciado, além ter sido uma forma de expressão do processo de luto vivenciado. Portanto, este trabalho se fez necessário, já que buscou compreender melhor os aspectos do luto diante desse processo de perdas por morte.

2.2 SOBRE A OCUPAÇÃO HUMANA

Dickie (2011) afirma que a "ocupação é a própria vida", o que evidencia que o homem é um ser ocupacional e que suas ocupações são um aspecto central de sua vivência.

A Sociedade Internacional de Ciência Ocupacional (ISOS) usa termos bem gerais para definir ocupação: as várias atividades cotidianas que as pessoas realizam como indivíduos, em família e nas comunidades, para ocupar seu tempo e trazer significado e propósito à vida. Ocupações incluem coisas que as pessoas precisam, querem e espera-se que façam (INTERNATIONA, 2013)

Ocupações são fundamentais para identidade e senso de competência de um cliente (pessoa, grupo ou população) e tem significado especial e valor para este cliente. (AOTA, 2015). Podemos compreender que o ser humana se expressa no mundo através de suas ocupações, e este atribui valores pessoais para cada uma das ocupações que realiza e estas o representam perante a sociedade.

Boyt Schell; Gillen; Scaffa, (2014) relatam que:

> O que as pessoas fazem que ocupam seu tempo e atenção; significativa, atividade com propósito; as atividades pessoais que os indivíduos escolhem ou necessitam se envolver e as maneiras pelas quais cada indivíduo realmente as experimenta (p. 1.237)

Compreende-se então que prioriza-se as preferencias do indivíduo, para que este possa atribuir sua própria forma as suas ocupações e assim deixa-las de seu jeito, com suas particularidades, onde este possa se reconhecer.

Atividades dirigidas a objetivos que normalmente se estendem ao longo do tempo, têm significado para o desempenho e envolve múltiplas tarefas (CHRISTIANSEN et al., 2005)

Quando uma pessoa se envolve em atividades com propósito, não por escolha pessoal e elas são valiosas, estas atividades intencionais aglomeradas formam as ocupações (HINOJOSA,KRAMER, ROYEEN, E LUEBBEN, 2003).

Nelson & Jepson-Thomas (2003) relatam que ocupação também é a relação dinâmica entre um modo ocupacional, uma pessoa com uma estrutura de desenvolvimento único, significados subjetivos e propósito, e o desempenho ocupacional resultante.

De acordo com Wilcock & Townsend (2014) a ocupação é usada para significar tudo que as pessoas querem, precisam ou devem fazer, seja de natureza física, mental, social, sexual, política ou espiritual, incluindo sono e descanso. Refere-se a todos os aspectos reais do fazer, ser e tornar-se humano e também ao de pertencer. Meio prático e cotidiano de auto expressão, de fazer ou experimentar sentido, a ocupação é o elemento ativista da existência humana, sejam as ocupações contemplativas, reflexivas e meditativas ou baseadas em ações"

Diante do que foi apresentado podemos concluir que as ocupações podem ser compostas de várias atividades, havendo que executar várias tarefas para conclui-las, estas quando desempenhadas trazem satisfação e realização para o ser humano, construindo o cotidiano deste. Mostra-se também a necessidade de compreensão de que nem todas as ocupações geram um fruto, algo material, nas ocupações as repercussões podem ser de caráter de interações, de prazer, relaxamento, espiritualidade, entre outros.

Em terapia ocupacional, ocupações se referem às atividades diárias que as pessoas executam enquanto indivíduos, nas famílias e em comunidades para ocupar o tempo e trazer significado e propósito à vida. Ocupações incluem o que as pessoas precisam, querem e estão esperando fazer (FEDERAÇÃO MUNDIAL DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS, 2012).

Então as ocupações no âmbito dos atendimentos de terapia ocupacional são priorizadas as que possuem maior grau de sentido e significado no dia a dia do indivíduo, levando em consideração não somente as desempenhadas individualmente, podendo incluir a participação de grupos sociais onde o sujeito em questão está inserido, busca-se também a inclusão de novas ocupações para que se possa descobrir novas formas de desenvolver-se na sociedade e desenvolver novas habilidades, ou novas formas de executar as que já possui.

As ocupações vão além, nelas estão inclusas participação social, lazer, cuidado de si, algo que aparentemente não existe produção de algo, mas que ao estar sendo realizada no cotidiano do indivíduo é considerada uma ocupação, assim, Law; Polatajko; Baptiste; Townsend, (1997) afirmam que:

> Atividades... da vida cotidiana, nomeadas, organizadas e com determinado valor e significado pelos indivíduos e pela cultura. A ocupação é tudo o que as pessoas fazem

> para se ocupar, inclusive cuidar de si mesmas... desfrutando a vida... e contribuindo para a construção econômica e social de suas comunidades (p. 32)

O termo ocupação, conforme utilizado na Estrutura refere-se às atividades de vida diária nas quais as pessoas se envolvem. Ocupações ocorrem em contexto e são influenciadas pela interação entre fatores de clientes, habilidades de desempenho e padrões de desempenho. Ocupações ocorrem ao longo do tempo; têm um propósito, significado e utilidade percebida pelo cliente; e podem ser observadas por outras pessoas (por exemplo, preparar uma refeição) ou ser percebida apenas por pessoa em questão (por exemplo, a aprendizagem através da leitura de um livro). Ocupações podem envolver a execução de múltiplas atividades para sua conclusão e podem resultar em vários efeitos. (AOTA, 2015)

As ocupações podem ser prejudicadas por diversos fatores na vida do ser humano, seja em sua execução, o seu ambiente, alteração se sentido e significado, a forma como se executa, os envolvidos na ocupação, entre outro fatores que só podem ser analizados diante da ocupação particular, e da historia de vida, para que haja a analise e compreensão das individualidades presentes neste acontecimento.

Assim as ocupações quando modificadas ou anuladas no dia a dia de uma pessoa pode causar grandes complicações para a vida desta, já que as ocupações o representam, são meios de expressão do que somo, podendo prejudicar psicologicamente e emocionalmente um indivíduo, sendo de extrema importância a busca pela sensibilidade de analise e trabalho com as ocupações, para que haja uma real compreensão desta para cada ser humano e realização das intervenções corretas, buscando restaurar ou atribuir novos sentidos para as ocupações.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DA PESQUISA

Optou-se por realizar uma Revisão Sistemática, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

3.2 LOCAL

Está pesquisa foi realizada na Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Pará (FFTO/UFPA).

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada através de um livre relato do pesquisador a partir de uma revisão sistemática da literatura sobre perdas de entes queridos.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a operacionalização desta proposta foram exploradas publicações completas, publicados nos últimos 5 anos, no período entre 2013 e 2017, extraídos das bases de dados da Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo e Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos e da Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, também das bases de dados da Scielo e Bireme.

Inicialmente foi realizada busca nas três revistas de Terapia Ocupacional, separadamente, em cada revista, por cada ano, filtrados artigos em português, das bases de dados nacionais, de todos os periódicos da Scielo e Bireme, pelos seguintes descritores: perda e luto, sendo estes os critérios de inclusão. E para cada busca individualizada foi organizada uma planilha partir da leitura dos títulos e resumos. Foram excluídos os artigos de temáticas diferentes de perda e luto.

Os artigos que atendiam os critérios de inclusão foram lidos na íntegra com ênfase aos seus objetivos e metodologia para que se pudesse observar como encontravam-se as pesquisas nestas áreas e organizados no que diz respeito a fonte, título, autor e ano de publicação. Em seguida, foram categorizados de acordo com a temática abordada.

Fonte	Título	Autor	Ano
Revista de Terapia Ocupacional da USP	Perspectivas sobre as estruturas não governamentais e a ação comunitária no apoio ao luto sadio em Portugal e o "Modelo Vivencial do Luto Sadio"	José Eduardo Rebelo, Selma Lancman, Marina Picazzio Perez Batista	2017
Acta Paulista de Enfermagem	Mães enlutadas: criação de blogs temáticos sobre a perda de um filho	Heloisa Cristina Figueiredo Frizzo; Regina Szylit Bousso; Carolliny Rossi de Faria Ichikawa; Natália Nigro de Sá	2017
Tempo Social	Fazer visíveis as perdas: Morte, memória e cultura material	Sandra Patricia Arenas Grisales	2016
Psicologia: Ciência e Profissão	Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional	Luana Freitas Simões Lemos; Ana Cristina Barros da Cunha	2015
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos	Sabrina Lima; Ivelise Fortim	2015
Estudos de Psicologia (Campinas)	O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães	Ana Maria Rodrigues Franqueira; Andrea Seixas Magalhães; Terezinha Feres-Carneiro	2015
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental	Paixão-dor-paixão: pathos, luto e melancolia no nascimento da criança com deficiência	Vitor Franco	2015
Psicologia: Ciência e Profissão	Mães que Perderam Filhos: uma Leitura Psicanalítica do Filme Rabbit Hole	Maria Virginia Filomena Cremasco; Dhyone Schinemann; Susana de Oliveira Pimenta	2015
Caderno CRH	O luto no Brasil no final do século XX	Mauro Guilherme Pinheiro Koury	2014
Psicologia: Ciência e Profissão	A Perda de um(a) Filho(a) Jovem no Romance Paula, de Isabel Allende	Elenice Cazanato; Margareth Kuhn Martta	2014
Rev Esc Enferm USP	Fatores associados ao estado de luto após óbito fetal: estudo comparativo entre brasileiras e canadenses*	Gisele Ferreira Paris , Francine de Montigny , Sandra Marisa Pelloso	2016
Psicologia em Estudo	A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica	Joanneliese Lucas de Freitas1 Luís Henrique Fuck Michel	2014
Psicologia: Teoria e Pesquisa	O jardim de Julia: a vivência de uma mãe durante o luto	Karen Lie Oishi	2014
Ciência & Saúde Coletiva	Perda e luto: vivências de mulheres que interromperam a gestação por malformação fetal letal	Elenice Bertanha Consonni; Eucia Beatriz Lopes Petean	2013
Ciência & Saúde Coletiva	Luto antecipatório em pacientes com indicação para o Transplante de Células-Tronco Hematopoéticas	Érika Arantes de Oliveira Cardoso; Manoel Antônio dos Santos	2013
Psicologia Clínica	Angústia de uma perda - caso Maria: uma abordagem terapêutica	Mónica Costa; Catarina Pinheiro Mota; Cláudia Milheiro	2013
Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	Processos de perda, luto e a assistência da Terapia Ocupacional nas situações de escalpelamento.	Andreza Mourão Lopes, Victor Augusto Cavaleiro Corrêa	2013

Nesse sentido, foi realizada uma narrativa, baseada nos principais achados da pesquisa da revisão.

4 RELATO DE CASO BASEADO NA REVISÃO SISTEMÁTICA

Era final do mês de setembro, Lia precisou ter fé, não se assustar, mas ver sua avó não conversar de forma coerente, reconhecer alguns familiares, cuidar dos membros da família, ter uma rotina independente e normal, e o diagnóstico de AVE hemorrágico arrebataram seu coração, mas ainda existia vida, consciente embora um pouco desorientada. Sua avó foi internada para esperar a cirurgia, depois de alguns dias chega a notícia, mais um AVE hemorrágico e trouxe junto uma parte da família do interior para a capital, alí uma parte do que acreditava se acabou, um AVE no local de um aneurisma gigante, quantas chances ela teria? Mesmo com a cirurgia, nada garantia ter sua avó ao seu lado, os sentimentos de insegurança a invadiam, roubando parte do que acreditava ser: forte, otimista, confiante.

Lia que já estava na capital não possuía mais a mesma rotina, mudou, as tardes livres se resumiam agora em ir para o hospital, para as visitas de UTI, ou ajudar os outros parentes a fazer a visita. Como foi difícil para ela perder a fé, não seguir a crença dos familiares que esperavam um retorno, ela não conseguia, e a cada momento ela se despedia, pouco a pouco, a cada notícia de que o quadro de sua avó se mantinha o mesmo. Era muito sofrido, pensar quase 24 horas em uma pessoa que quase não se tinha mais, ela sentia que já estava perdendo sua avó, e muita coisa passou a não ter mais sentido e não ser mais realizado, as coisas perdiam o interesse, a mente não mantinha mais o mesmo foco, os pensamentos eram roubados a cada hora, mas não podia ficar transparecendo, aliás, todos tem que ser fortes, e não desanimar os demais. Os seus dias se resumiam em ir para a faculdade, mesmo sem conseguir ter rendimento, e depois hospital ou casa, a cada telefonema o coração dela disparava, esperando a temida notícia.

Os dias pareciam intermináveis, só um assunto existia, e assim os dias se passaram, até que, uma parte da família reunida após o almoço de sábado, receberam a ligação, da real despedida, de fazer um mundo desmoronar, de perder a noção, ela só chorou baixinho, deixando a ficha cair, como fez quase todos os dias durante algumas semanas, mas perder alguém não lhe dava direito de fraquejar, de viver com toda a real intensidade a despedida, muitas coisas precisavam ser feitas.

Ela teve outra visão, outros precisavam de amparo, então Lia guardou sua dor, continuou chorando baixinho, e fez tudo que foi preciso para que tudo ocorresse como deveria durante o velório, horas intermináveis, de presenciar intenso desespero e sofrimento, e o seu peito só enchia de tristeza, pela duração dos acontecimentos, e depois de muitas horas aconteceu sua última despedida.

Os dias seguintes foram doloridos, tudo fazia Lia lembrar a avó, todos os familiares sofriam muito mais, e algumas situações de crenças antigas a deixavam ainda mais abalada psicologicamente, como ver seu avô por 2 semanas (ou mais) sem cortar o cabelo e fazer a barba, o estado de descuido com a aparência intensificava o clima de tristeza, também não usava os objetos de ouro, outras pessoas não usavam maquiagem, faziam visitas ao cemitério mais de uma vez no dia, e até mesmo a cobrança da família de frequentar aquele local, mas ela já sofria e o cemitério intensificava sua dor, mas por imposição Lia ia quando solicitada, e evitava ficar muito tempo no local e perto dos familiares que expressavam exacerbadamente suas dores.

Se passaram dias, semanas e meses, a vivência de sua família continuava intensa, muitos momentos de oração pela avó falecida aconteciam na casa, mas para Lia não, ela tinha passado tanto tempo vivenciando a perda e acreditando que não teria mais sua avó em vida, que já começava a buscava de toda forma lembrar dos momentos bons, das oportunidades e a tentar se alegrar, por que permanecer com o sofrimento não era bom pra ela, acreditava que não era um legado que sua avó deixaria, já que fazia de tudo pra ver os outros bem. Mas quando estava entre os parentes seguia o padrão dos mesmos, por respeito ao luto particular.

Ainda houve outro fato muito significativo na vida de Lia, o casamento de seu primo, era uma data muito aguardada por todos da família, e um pouco menos de 2 meses antes sua avó partiu, com o turbilhão de emoções que pareciam não cessar, a família precisou tomar uma decisão, apesar de já ter paralisado o andamento de diversos serviços para o casamento. Em uma conversa com os tios (do primo de lia) quase que unanime, os sentimentos eram de que não concordavam com a permanência da data, que não conseguiriam se reerguer até o momento, que não iriam compartilhar da felicidade do momento e iriam comparecer apenas no momento religioso.

Dessa forma o casamento foi adiado, por mais que a pessoa principal estivesse disposta a realizar na data planejada, o sentimento dos demais foi mais forte, e respeitado, pelo respeito e harmonia da família.

Coincidentemente o aniversário de Lia era dia 8, o mesmo dia de falecimento de sua avó, Lia já não comemorava seu aniversário reunindo pessoas para fazer alguma comemoração, e nesse dia a única coisa que gostaria de fazer era ficar em casa, mas não foi o que aconteceu. Lia foi convencida por seus pais para ir até a cidade de sua família, pois nesse dia seria rezado o terço em lembrança de sua avó, e seu pai todos os meses estava presente neste dia, apesar de não estar em seus planos e dialogar para não ter que ir, Lia foi convencida, pois por mais que aquele dia fosse uma data que remetia a si mesma, o real sentido que estava existindo para todos era o de completar mais um mês de falecimento de sua avó. Abrir mão de

um dia dedicado para si, perceber como aquele dia estava sendo visto pelos demais e ser pressionada a realizar o desejo dos demais, foi duro para Lia, ela compartilhava o sentimento de saudade, tinha respeito pela dor que ainda era sentida e o momento tão importante todos os meses para sua família, porém, seu aniversário foi sobreposto pelos fatos, e lidar com tal acontecimento foi difícil para ela.

Lia observava a família, e podia perceber que diversos tipos de sentimentos eram gerados ali, enquanto vários cultivavam os sentimentos de tristeza e dor, alguns escondiam, como ela, que se sentiam na obrigação de ser forte para os outros, como uma de suas tias, que cuidou dos demais, tomou a frente das decisões em muitos momentos e passou meses sem falar que não conseguia cuidar de suas próprias plantas por lembrar de sua mãe, parte da família não tinha noção do quanto ela sofria sem compartilhar.

Durante 1 ano foram realizadas as missas em lembrança à avó de Lia, em nenhum mês as missas deixaram de acontecer, e todos os dias 8 de cada mês eram repletos de saudades e sentimento de perda, apesar de muitos meses já terem se passado, aquele momento era vivido de forma disciplinada, Lia acompanhava a distância, mas tinha noção de que todos os meses as pessoas da família abriam mão até mesmo de um almoço para ir às missas realizadas.

A missa de 1 ano de falecimento da avó de Lia coincidiu com o círio de Nazaré, data muito importante para muitos paraenses e que alguns dos familiares sempre estavam presentes em Belém, mas em virtude da missa que foi realizada na cidade natal de Lia praticamente toda sua família não veio à Belém, foi um momento tão significativo que os mesmos não conseguiram não vivenciar este momento, e no local onde a avó de Lia residia.

Durante o processo de perda foi mais "fácil" para Lia passar por este momento, pois já se despedia de sua avó durante a internação na UTI, mas a convivência com a família enlutada não lhe permitia encerrar o momento, e estes perduraram com o luto por muitos meses, de forma intensa e dolorosa, tornando o ambiente da casa carregado, ao ponto de não desejar estar ali.

Tentar superar o processo do luto já não é uma tarefa fácil, diversos fatores influenciaram o processo de luto de lia e sua família, o ambiente, as imposições, os costumes do interior, o tipo de relação estabelecida entre os membros da família e a auto cobrança da mesma.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 SOBRE A FORMA OCUPACIONAL: QUANDO DA PERDA DE UM ENTE QUERIDO

A forma ocupacional é compreendida como o sistema objetivo de circunstâncias da ocupação, independente e externa à pessoa, referindo-se à "como" dada atividade é realizada (CARRASCO; OLIVARES, 2008). Diante disso, será realizada a análise de como as atividades foram realizadas no período de luto.

> "Lia que já estava na capital não possuía mais a mesma rotina, mudou, as tardes livres se resumiam agora em ir para o hospital, para as visitas de UTI, ou ajudar os outros parentes a fazer a visita" (Relato de caso).

A rotina das pessoas que estão em processo de luto sofre mudanças significativas, seja acrescentando novas atividades ou modificando as já existentes, possuindo novas formas ocupacionais, no caso de Lia, pois a mesma explana que modifica a forma com que ocupava suas tardes, por algo que não fazia parte de sua realidade, mas que houve a necessidade de ser atribuído a sua vida.

Outro fenómeno a salientar é o luto antecipatório, que se entende como sendo o "processo pelo qual os sobreviventes (familiares e amigos) assumem o papel de enlutados e começam a elaborar as mudanças emocionais associadas com a morte previsível do outro" (BARBOSA, 2010).

O luto antecipatório é um dos acontecimentos a ser observado e que nem sempre é percebido e dialogado no processo de luto, nem sempre é reconhecido pela sociedade, já que a mesma julga a existência do luto apenas após a morte de uma pessoa, mas que interfere diretamente na forma como uma pessoa enlutada se ocupa, já que a mesma modifica seu cotidiano por estar vivenciando um tipo de perda. Quando se modifica a forma de se ocupar, existe um motivo e uma lógica para que isso ocorra, no caso de lia o sentimento pela avó foi o motivador para que fosse possível modificar essa rotina.

> "Ver seu avô por 2 semanas (ou mais) sem cortar o cabelo e fazer a barba, o estado de descuido com a aparência intensificava o clima de tristeza, também não usava os objetos de ouro, outras pessoas não usavam maquiagem" (Relato de caso).

Chiavenato (1998) aponta que até meados da década de 1950 no Brasil, o luto frequente é aquele marcado por ações instituídas culturalmente ao lidar com a morte alheia, que por muito tempo foi marcado pelo ato de vestir-se de preto, mostrar mansidão e ficar recluso, evitar "alegrias" como forma de respeito à memória do morto, expondo aos demais o sofrimento causado pela morte do ente e, assim permitindo a aproximação das pessoas para confortar.

Pode-se notar que a cultura é um dos fatores que interfere no processo de luto, os rituais que são seguidos no período do luto podem variar de acordo com as crenças individuais. No caso de Lia o autocuidado no período do luto foi o campo afetado para alguns dos familiares, que abdicam de cuidados básicos como a manutenção da barba mantendo e transparecendo as expressões de tristeza, o que consideram algo necessário na vivência desse processo.

Estes consideram a aparência um meio de expressão da sua experiência e sentimentos vividos, os costumes estabelecidos por grupos geram novas formas de viver no período do luto, nesse caso em especial existe até um tempo pré-determinado para a que fosse realizada.

> "faziam visitas ao cemitério mais de uma vez no dia, e até mesmo a cobrança da família de frequentar esse local" (Relato de caso).

O cemitério não é um local frequentado diariamente pelas pessoas, e passa a ser após a perda de um ente querido, e no caso de lia foi mais uma mudança na vida dos familiares. Com a frequência das visitas estas acabam por se tornar parte da rotina de muitos dos familiares, a necessidade de estar no local onde existe mais representatividade da pessoa falecida preenche de alguma forma o que está faltando para aquelas pessoas. Além da frequência com que são realizadas as visitas ao cemitério nota-se que muitos enlutados substituem alguma atividade pelas visitas ou reorganizam seu tempo para que faça parte das suas ocupações.

Essa nova forma de se ocupar com as visitas reorganiza a rotina das pessoas que realizam esta atividade, mostrando assim a importância no cotidiano das pessoas enlutadas, já que passam a dedicar tempo e incluir em suas tarefas diárias, estas novas formas de ocupar.

> “Se passaram dias, semanas e meses, a vivência de sua família continuava intensa, muitos momentos de oração pela avó falecida aconteciam na casa, todos os meses, no costume de sua família são realizados obrigatoriamente até completar um ano de falecimento” (Relato de caso).

Outra atividade que se tornou frequente na família de Lia foi o momento de espiritualidade desenvolvido pelos membros da família nesse período, estes momentos eram respeitados de forma rígida e cumpridos sem faltas, constantemente, reunindo a maior parte da família em muitos momentos. A frequência com que eram realizados mostra que foi uma atividade que se tornou cotidiana no período de luto daqueles que a realizavam, mostrando a importância desta modificação e aquisição de uma atividade no dia a dia deles.

Perante a perda são também vivenciados pelas famílias e sociedades alguns rituais que poderão facilitar a integração da morte, bem como as transformações dos sobreviventes e

que são observáveis ao longo da história da humanidade e nas mais diversas culturas (WALSH; MCGOLDRICK, 1998)

Ariès (1977) relata que a concepção de morte do século XX fez com que os rituais relativos ao falecimento fossem reduzidos ou mesmo impedidos

Diante disso podemos constatar que os rituais realizados pela família de Lia, personagem do estudo, foram necessários para que realmente estes sentissem que estavam finalizando um ciclo, e a realização de cada ritual contribuiu para a aceitação da perda que foi vivenciada. Devemos nos atentar, para o fato de que os rituais são importantes para uma parte das pessoas para que haja a reorganização da vida emocional daqueles que perderam alguém, os rituais religiosos e culturais realizados pela família demonstram particularidades de um grupo frente a uma perda.

Pode haver características do sistema familiar a afetar o processo de luto, assim como cada indivíduo difere na expressão do seu próprio luto (STROEBE; SCHUT, 2001). A vivência do luto pode ser potencializada ou prejudicada de acordo com a abertura para a comunicação e o nível de coesão entre os membros da família (SHAPIRO, 2001),

Diante disso, podemos visualizar as diferentes reações apresentadas pelos membros da família, cada indivíduo pode se ocupar da forma que condiz com a sua posição diante da relação com a pessoa falecida, sendo a forma de se ocupar no processo de luto uma expressão individual frente a perda. A sociedade espera por padrões de reações durante o período do luto, o que não deveria de fato existir já que este processo é individual e singular, tanto em sua duração quanto e suas formas de expressões.

Parkes (1998), quando o comportamento de busca se intensifica, a pessoa geralmente vai com frequência aos locais onde o morto costumava ir, mexe em seus objetos, roupas etc. É como se, dessa maneira, buscasse desesperadamente manter algum contato com o ente perdido.

Esse tipo de reação apresentada anteriormente foi comum no relato de Lia, os familiares estavam vivenciando um período de meses onde buscavam se ocupar de atividade e frequentar lugares onde as lembranças da pessoa falecida eram fortes, como forma de mantê-la presente em seus cotidianos, o que muitos julgam reconfortante nesse processo.

Será a partir do processo de luto, compreendido como transição psicossocial, que a pessoa ir·, de certo modo, assumir uma nova identidade, à medida que se apropria de um novo modelo de mundo, de novos papéis e de um novo repertório de soluções para os problemas da nova vida (MARINHO; MARINONIO; RODRIGUES, 2007).

As mudanças ocasionadas durante o luto implicam na forma como o indivíduo continua a realizar suas atividades, como ele encontra novas formas de se ocupar, como ele deixa de realizar atividades antes significativas para ele. As atividades cotidianas podem ser consideravelmente influenciadas pela perda de um ente querido, dessa forma o enlutado busca construir um novo repertório de ocupações, modificando seu dia a dia.

5.2 SOBRE O SENTIDO E SIGNIFICADO OCUPACIONAL: QUANDO DA PERDA DE UM ENTE QUERIDO

Ao realizar uma busca na literatura foi encontrado que significado é o termo usado para rotular a interpretação individual da ocupação, refere-se ao senso de percepção, bem como a associações cognitivas de cada indivíduo (GARCÍA, SCHLIEBENER E TORRICO, 2008).

O significado refere-se aos aspectos simbólicos da ocupação, atribuídos pela pessoa e pela cultura, envolvendo o "por quê" realizar dado fazer (CARRASCO; OLIVARES, 2008).

> "Uma de suas tias, que cuidou dos demais, tomou a frente das decisões em muitos momentos e passou meses sem falar que não conseguia cuidar de suas próprias plantas por lembrar de sua mãe" (Relato de caso).

Um ato tão simples pode ser carregado de significado e associado a uma determinada pessoa ou acontecimento sem se quer termos noção do quanto pode ter impacto na vida de uma pessoa, nós atribuímos sentimentos aos mínimos detalhes e só percebemos quando tudo muda e paramos para refletir. As atividades que eram desempenhadas pelo ente que faleceu ou que atribuíamos lembranças dele são as mais complexas para serem desenvolvidas ou ressignificadas.

Para Kovács (2003), as dificuldades de nossa sociedade atual para lidar com a perda e realização do luto são, em grande parte, heranças de uma mentalidade que mantém a morte como um tema interdito, e o caminho para desfazê-la passa por uma educação para a morte. A morte por ser um acontecimento considerado negativo na sociedade em que vivemos, faz com que este seja mais um tema a ser silenciado, tornando o período do luto uma fase obscura e cheia de privações, necessitando que haja uma mudança de mentalidade da sociedade o que pode ser construída com os avanços dos estudos e discussões sobre o tema, tornando-o algo natural e cotidiano, tornando as pessoas mais abertas a dialogar sobre o tema.

E expressar algo tão pessoal é uma tarefa difícil para a maioria das pessoas que estão vivenciando este processo, o sentimento envolvido que dá significado ao fato nem sempre pode ser compreendido pelos demais ou algo que seja considerado importante para ser

compartilhado, causando uma retenção de sentimentos e bloqueio no desempenhar das atividades já que os aspectos emocionais influenciam diretamente parte de nossas ações.

O processo de luto é multidimensional, frequentemente muito ativo, personalizado e determinado por inúmeros fatores de vida do enlutado e que se faz por movimentos oscilatórios entre três polos: aceitação e compreensão da perda; adaptação criativa à vida e aquisição de significado (BARBOSA, 2010).

Através desse relato percebe-se que o significado do cuidado das plantas vai além do autocontrole que julgamos ter, não é possível prever o quanto e em quais aspectos a vida das pessoas serão afetadas, e que o luto é algo muito complexo para ser elaborado, não é apenas um momento após a perda, afeta diversos campos da vida.

> "Um dos momentos difíceis vivenciados na família, foi o adiamento do casamento de um dos familiares que iria ocorrer dois meses após o falecimento, e por uma decisão da família em conjunto não iria mais acontecer" (Relato de caso).

O casamento apesar de ser algo que não envolvia diretamente a pessoa falecida foi afetado, não se encontrou sentido para o acontecimento e isso tornou um momento de felicidade a ser comemorado um possível momento de tristeza. Percebe-se também que o sentido atribuído ao momento foi conjunto, demonstrando que se compartilham os sentimentos e estes influenciam uns aos outros, possuindo força para transformar as vivências de várias pessoas ligadas ao momento do luto.

> "ver seu avô por 2 semanas (ou mais) sem cortar o cabelo e fazer a barba, o estado de descuido com a aparência intensificava o clima de tristeza, também não usava os objetos de ouro, outras pessoas não usavam maquiagem" (Relato de caso).

Falando especificamente do avô de Lia, este realizou atividades desconhecidas para a maior parte das pessoas, que foi a abdicação do corte de cabelo e barba por um período específico, e estes atos não influenciaram os demais a praticarem, mas mesmo vivendo em uma sociedade moderna onde não seja praticado o mesmo, a sua necessidade em manter os costumes foram maiores, e o significado disso para ele foi maior e o impulsionou a realizar.

Construir significados a partir dos acontecimentos é a atividade básica de todo ser humano. E todas as demais atividades vitais, como pensar, sentir, fazer, dentre outras, ocorrem com respeito ao significado que a pessoa atribui à dada situação, a si mesma e ao contexto. A

construção de significado através de uma experiência é um processo complexo e contínuo, e relaciona-se com um sentimento de identidade pessoal (HOCKING, 2011).

Contudo compreende-se que a pessoa enlutada atribuiu ao autocuidado a sua forma de externalizar e vivenciar o período enlutado, a visão da sociedade sobre ele precisa ser para perceber que estava vivenciando uma perda e a continuidade da tradição neste período honrava um costume do seu meio social, duas situações que modificam o significados de usar adereços, de manter o corte de cabelo e da barba.

> "durante o velório, horas intermináveis, de presenciar intenso desespero e sofrimento, e o seu peito só enchia de tristeza, pela duração dos acontecimentos, e depois de muitas horas aconteceu sua última despedida" (Relato de caso).

O momento do velório possui diversos sentidos para os familiares que perderam alguém, no caso de Lia compreende-se que existia duas visões sobre o momento, primeiramente o da maior parte da sua família, que sentia naquele momento intensa dor, mas que o momento do velório era significativo para eles, para encerrar um ciclo, já na visão de Lia o velório só estendia o período de sofrimento, gerando assim uma situação ainda mais desagradável.

Para Costa et al., (2017), ao analisar o significado das ocupações, os pesquisadores estão interessados em como o sentimento de uma determinada pessoa emerge das experiências cotidianas e como estas experiências vinculam-se a sua significativa história de vida. O mesmo autor ainda relata que o significado da ocupação, como referido anteriormente, envolve a interpretação e valor pessoal que o indivíduo dá para suas ocupações, isto implica que indivíduos diferentes podem fazer a mesma ocupação, todavia, com significados diferentes.

Diante do que foi apresentado pelo autor podemos compreender que o significado atribuído pela família e por Lia divergiram, havia compreensão dos acontecimentos, porém o significado que cada pessoa atribuiu ao momento foi diferente, e é algo comum entre um grupo de pessoas, já que o sentimento por determinada coisa ou acontecimento é construído de forma singular e sendo influenciado por diversos fatores, como proximidade com o ente, tipo de relação, concepções pessoais, entre outros.

> "Lia foi convencida por seus pais para ir até a cidade de sua família, pois nesse dia seria rezado o terço em lembrança de sua avó, e seu pai todos os meses estava presente neste dia, apesar de não estar em seus planos e dialogar para não ter que ir, Lia foi convencida, pois por mais que aquele dia fosse uma data que remetia a si mesma, o real sentido que estava existindo para todos era o de completar mais um mês de falecimento de sua avó" (Relato de caso).

Data de aniversário é um momento de comemoração e nele espera-se que seja realizado algo que remeta felicidade por mais um ano, no caso de Lia este foi uma data triste, pois os componentes de sua família estavam relembrando o falecimento de sua avó, e este acontecimento mostra-se delicado pela frustação de Lia com o momento que precisou vivenciar.

Assim percebe-se que o momento de luto pode anular outros tipos de sentimentos e transformar os significados de outros fatos, o luto de uma pessoa pode repercutir em seu meio social e familiar, ressignificando neste período as atividades que poderiam ser desempenhadas.

> "Se passaram dias, semanas e meses, a vivência de sua família continuava intensa, muitos momentos de oração pela avó falecida aconteciam na casa, todos os meses, no costume de sua família são realizados obrigatoriamente até completar um ano de falecimento" (Relato de caso).

Para Levin (2003), a espiritualidade está intimamente relacionada à esperança, que por sua vez ajuda a placar a angústia da finitude trazida pela morte.

Por fim, Franco (2002) sinaliza a forte tendência, observável desde o final do século passado, de adotar a espiritualidade como recurso para entender as relações dos seres humanos com dimensões que são transcendentes à experiência mundana, possibilitando a inclusão da espiritualidade nas questões referentes à morte e ao luto.

Apesar da espiritualidade ser algo presente na vida de milhares de pessoas, nem sempre está inclusa na rotina dos sujeitos, realizar um momento de espiritualidade é algo comum, mas dedicar este momento a alguém e reunir uma gama de pessoas pelo mesmo objetivo é algo diferente.

O momento de espiritualidade é repleto de significado para a as pessoas do caso, pois nesse momento é recordado de uma pessoa importante, é como se houvesse uma conexão mais intensa com um ser superior e com o ente querido, o que ameniza as necessidades instaladas nesse período de luto. Esse é um dos momentos e maior recordação do ente querido, pois a rotina é interrompida para dedicar um momento exclusivo para o momento de espiritualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do explorado neste trabalho, pode-se perceber que o processo de luto é um assunto pouco discutido, dificilmente aceito como tema comum nas rodas de conversa, é considerado um tema sombrio e período de isolamento e silêncio, o que ocasiona uma dificuldade de ampliação de produção de conhecimento e expressões sobre o tema.

Expandir a discussão do tema proporciona aos enlutados uma maior compreensão do processo que estes vivenciam, permite que estes sintam-se à vontade com o processo e aceitem e tenham a experiência de forma singular, proporcionando a sociedade uma maior informação e educação sobre este processo buscando preparar melhor para como lidar com um período de luto.

Com a concepção de que o luto afeta diretamente as ocupações, este estudo pode exemplificar e favorecer uma melhor compreensão de que este processo interfere nas atividades cotidianas dos indivíduos de forma singular. Permite também que se compreenda melhor as diferentes ocupações durante o processo do luto, e de que forma as pessoas podem atribuir significados nesse período de vivência.

A Terapia Ocupacional estuda as ocupações em todos os momentos da vida, inclusive os momentos incapacitantes, contudo, este estudo pode ser mais um meio de enriquecimento para os Terapeutas Ocupacionais analisarem e trabalharem com a forma, sentido e significado das ocupações após uma perda, as formas que são executadas as atividades cotidianas e os rituais pessoais que interferem no dia a dia de uma pessoa enlutada, proporcionando aos terapeutas trabalharem com mais uma demanda que pode afetar o ser humano, favorecendo os estudos das possibilidades de intervenção para com estes.

A ciência é a busca e produção de conhecimento este trabalho pode contribuir com a produção científica por proporcionar novos olhares para as consequências de um processo natural da vida, que é a morte. O estudo do ser humano, de seus processos durante a vida gera olhares para temas diversificados, já que vivemos diferentes experiencias durante a existência humana, e cada experiência pode possuir multifatores e consequências.

Este estudo foi um meio de analisar um processo de luto, de forma peculiar, realizando autoanalise e análise de terceiros, reconhecendo em meus próprios detalhes os sentidos e significados atribuídos e as formas com que as ocupações são realizadas nesse período crítico, proporcionou-me também uma busca por autoconhecimento, e sensibilidade para compreender as peculiaridades desse processo de luto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.V.A.; SOUZA, A.M.; CORREA, V.A.C. **Sobre as ocupações de idosos em condição de hospitalização: qual a forma e o significado?** Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar, São Carlos, v. 25, n. 1, p. 147-157, 2017

AOTA, AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY. **Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio e processo**. 3º ed. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. 2015

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977

————. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

————. **A história da morte no ocidente**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012.

BARBOSA, A. (2010). **Processo de Luto**. In Barbosa, A. & Neto, I. (eds.), Manual de Cuidados Paliativos. (2ª ed). Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa

BOELEN, P., BOUT, J. & HOUT, M. **The role of cognitive variables in psychological functioning after the death of a first degree relative. Behaviour Research and Therapy**, 41, p. 1123-1136, 2003.

BOWLBY, J. **Apego e perda**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

————. **Perda, Separação, Angustia e Raiva.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

————. **Perda: tristeza e depressão**. In: Apego e perda. (vol. 3). (V. Dutra, Trad. (3ª ed.). São Paulo (SP): Martins Fontes, 2004.

BOYT SCHELL, B. A., GILLEN, G., & SCAFFA, M. (Eds.). Willard and Spackman's occupational therapy (12th ed.). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2014.

BROMBERG, M. H. P. F. **A psicoterapia em situação de perdas e luto**. Campinas: Livro pleno, 2000.

CAMPOS, E.B.V. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise**. Revista de Psicologia da UNESP, Bauru, v. 12, n. 1, p. 13- 24, 2013. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n1/a03.pdf >

CARLO, M. M. R.; BARTALOTTI, C. C. **Caminhos da Terapia Ocupacional**. In: _____. Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus, 2001. p. 19-40.

CARRASCO JM; OLIVARES DA. **Haciendo camino al andar**: construcción y comprensión de la ocupación para la investigación y práctica de la Terapia Ocupacional. Rev Chil Ter Ocup. Santiago. 2008; 8(8): 5-16.

CHIAVENATO, Júlio José. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.

CHRISTIANSEN, C., BAUM, M. C., & BASS-HAUGEN, J. (Eds.). Occupational therapy: Performance, participation, and well-being. Thorofare, NJ: Slack, 2005.

CLARK, F.; WOOD, W.; LARSON, E. **Ciência ocupacional: legado da Terapia Ocupacional para o século XXI.** In: NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. (Org.). Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 10-17.

COSTA EF.; et al. Ciência ocupacional e terapia ocupacional: algumas reflexões. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2017. V.1(5): 650-663)

CREPALDI, M. A., & LISBOA, M. L. **Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado**. Paidéia, vol. 13, n.25 p. 97-109, 2003. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2003000200009&script=sci_abstract&tlng=pt >

CORRÊA, V. A. C.; MOURA, D. S. C.; SOUZA, A. M.; PEDROSO, J. S. **Sobre a assistência em saúde nas situações de luto por morte: algumas reflexões.** Revista Paraense de Medicina, v. 22, n. 2, p. 97 – 100, abril/junho, 2008.

EARLY, M.B. **Desempenho ocupacional**. In: EARLU, M.B.; PEDRETTI, W. **Terapia Ocupacional:** capacidades práticas para disfunções físicas. São Paulo: Roca, p. 125-131, 2004.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e Morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DELALIBERA, M.A. **Adaptação e validação portuguesa do instrumento de Avaliação do Luto Prolongado** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina: Lisboa 2010.

DICKIE, V. O que é ocupação? In: CREPEAU, E.; COHN, E.; SCHELL, B. Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 15-21.

DOLL, J. PY, L. **O idoso na relação com a morte**: Aspectos éticos. In: Neri, A.L. (Org.). Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar, p. 279-300. Campinas: Alínea, 2007.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FRANCISCO, B.R. **Terapia Ocupacional**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

FRANCO, M. H, P. **Estudos Avançados sobre o Luto**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2002

GARCÍA, D. U.; SCHLIEBENER, T. M.; TORRICO, M. P. Que significado le asignan un grupo de mujeres a las actividades para sí mismas? Revista Chilena de Terapia Ocupacional, Santiago, v. 8, n. 8, p. 17-25, 2008.

HAGEDORN, R. **Ferramentas para prática em Terapia ocupacional**: uma abordagem estruturada aos conhecimentos e processos centrais. São Paulo: Roca, 2007, 477 p.

HINOJOSA, J., KRAMER, P., ROYEEN, C. B., & LUEBBEN, A. **The core concepts of occupation**. In P. Kramer, J. Hinojosa, & C. B. Royeen (Eds.), Perspectives in human occupation: Participation in life (pp. 1–17). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2003.

HOCKING, C. **Contribuição da ocupação para a saúde e o bem-estar**. In: CREPEAU, E.; COHN, E.; SCHELL, B. Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 45-55.

HOROWITZ, M.J. **Treatment of stress response syndromes**. Washington DC: American Psychiatric Association, 2003.

INTERNATIONAL SOCIETY OF OCCUPATIONAL SCIENCE - ISOS. 2013. Disponível em: <http://www. isoccsci.org>. Acesso em: 25 mar. 2013.

KOURI, M. G. P. **Ser Discreto: Um estudo sobre o processo de luto no Brasil urbano no final do século XX**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, Vol. 9, 2010.

KOURI, M. G. P. **A antropologia das emoções no Brasil**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Vol. 4, 239-252, 2005.

KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo, 1992.

————. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

————. **Educação para a Morte. Temas e Reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer** (Paulo Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LAW, M. STEINWENDER, S. LECLAIR L. **Occupation Health and Well-Being. Canadian Joural of Occupational Therapy**. Vol. 65, issue: 2, pag: 81-91, 1998.

LAW, M., POLATAJKO, H., BAPTISTE, W., & TOWNSEND, E. (1997). Core concepts of occupational therapy. In E. Townsend (Ed.), Enabling occupation: An occupational therapy perspective (pp. 29–56). Ottawa, ON: Canadian Association of Occupational Therapists

LEVIN, J. **Deus, fé e saúde: explorando a conexão espiritualidade-cura**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003.

MARINHO, A.H.R. MARINONIO, C.C.R. RODRIGUES, L.C.A. **O processo de Luto na Vida Adulta Decorrente de Morte de um Ente Querido**. Universidade Estácio de Sá, 2007. Disponível em:
http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/o_processo_luto_vida_adulta.pdf

NELSON, D., & JEPSON-THOMAS, J. Occupational form, occupational performance, and a conceptual framework for therapeutic occupation. In P. KRAMER, J. HINOJOSA,

& C. BRASIC ROYEEN (Eds.), Perspectives in human occupation: Participation in life Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2003. p.
87–155

OLIVEIRA, T.M. **O Psicanalista Diante da Morte**. São Paulo: Mackenzie, 2001.

PARKES, C. M.. **Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações**. Trad. Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2009.

PARKES, C. M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta** (Maria Helena Franco Bromberg, Trad.). São Paulo: Summus, 1998.

PRIGERSON, H.G. **Complicated grief: when the path os adjustment leads to a deadend. Bereavement Care.** Vol 23, p. 38-40, 2004.

RABELO, M. K. O. Um olhar fenomenológico sobre a morte na sociedade ocidental: Testemunho histórico-antropológico. Outras Palavras: **Revista científica da ESPAM**. Brasília, V. 3, p. 71-84, julh.2006.

SHAPIRO ER. Grief in interpersonal perspective: Theories and their implications. In: Stroebe MS, Hansson RO, Stroebe W,Schut H, editors. Handbook of bereavement research: Consequences, coping and care.Washington, DC: American Psychological Association; 2001. p. 301-328.

STROEBE W, SCHUT H. Models of coping with bereavement: A review. In: Stroebe MS, Hansson RO, Stroebe W, Schut H, editors. Handbook of bereavement research: Consequences, coping and care. Washington: American Psychological Association; 2001. p. 376-404.

TOWNSEND, E. Occupation: Potential for personal and social transformation. **Journal of Occupational Science**: Australia, Vol. 4, p.18–26; 1997.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

WALSH, F; Mc GOLDRICK, M**. Morte na Família**: Sobrevivendo as Perdas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WILCOCK, A. A., & TOWNSEND, E. A. (2014). Occupational justice. In B. A. Boyt Schell, G. Gillen, & M. Scaffa (Eds.), Willard and Spackman's occupational therapy (12th ed., pp. 541–552). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins.

WOOD, W.; CLARCK, F. **Ciencia Ocupacional: Desarrollo de la ocupacion a traves de uma disciplina academica.** In: CREPEAU, E. B.; COHN, E. S; SCHELL, B. A. B. Willard & Spackman: Terapia Ocupacional. Buenos Aires: Medica Panamericana, 2005. p. 16-26.

World Federation of Occupational Therapists. (2012). Definition of occupation. Retrieved from http://www.wfot.org/aboutus/aboutoccupationaltherapy/definitionofoccupa tionaltherapy.aspx